

ENTREVISTA / JOSÉ EMÍLIO RONDEAU, JORNALISTA E PRODUTOR

# 'O processo de gravação de um disco tem concordâncias e divergências, êxtase e ranger de dentes'

**De que forma surgiu o convite para produzir o primeiro disco da Legião Urbana? Você tinha experiência prévia em produção fonográfica?**

**José Emílio Rondeau:** Minha única experiência produzindo disco até então foi adquirida no ano anterior, em 1983, quando trabalhei com o Camisa de Vênus em seu álbum de estreia. Mesmo sendo super novato, bati na porta de Jorge Davidson, diretor artístico da EMI-Odeon, e me ofereci para produzir o disco da Legião, porque soube que tinham sido contratados pela gravadora. E ele topou. O que não deixou de me surpreender, mas era a resposta que eu queria receber.

**E o que você conhecia da banda antes de começar a trabalhar com eles?**

Apesar da Legião já ter uma carreira de shows e fitas demo, de ser tocada na Rádio Fluminense, apesar de já ter lido sobre ela na matéria que Hermano Vianna tinha feito para a revista Pipoca Moderna, que ajudei a fundar e a editar, nunca tinha ouvido o som dela até receber a fita demo que chegou a minhas mãos através de Tom Leão. E só vi como era a cara deles na hora em que nos conhecemos pela primeira vez no estúdio.

**Havia um alinhamento claro entre o som que a banda queria e o que a gravadora esperava?**

Eles tinham suas convicções e, obviamente, a gravadora tinha as dela. O desafio foi achar os pontos de convergência e fazer um disco representativo do grupo, da sua música e da sua verdade. O que veio através de muito trabalho, muita conversa, e muita tentativa e erro.



Divulgação

**Você e a gravadora tentaram dar ao disco um som mais limpo e enfrentaram um certo purismo da banda. Como foi lidar com essa tensão estética?**

A Legião entrou no estúdio de um jeito e saiu dele, com o disco pronto, de outro. Aquela banda punk rock de raiz evoluiu imensamente durante os meses de gravação, deixando aflorar todas suas qualidades. E mostrou-se capaz de romantismo, lirismo, moldando uma sonoridade pop poderosíssima, e fez um disco variado, multifacetado, apresentando ao público tudo aquilo do que

era capaz e exibindo qualidades que só vieram à tona por completo na medida em que foram se sentindo mais à vontade no estúdio.

**A partir de que momento específico você sentiu resistência da parte deles em aceitar direção externa?**

O processo de gravação de um disco tem concordâncias e divergências, êxtase e ranger de dentes. As convicções deles eram pétreas, e muitas vezes se assustaram com o que a gravadora idealizava para eles – uma sonoridade próxima daquela de outro artista de seu elen-

co, Bob Seger, que fazia, naquele momento da carreira dele, um country-rock. O impasse foi rompido pela mera concordância de se usar violões em algumas das faixas, que acabaram crescendo muito graças à adição do instrumento, como “Será”, “Baader-Meinhof Blues” e “Geração Coca-Cola”. E, se você for ver, o violão esteve bem presente nos discos que a Legião gravaria depois.

**A crise durante a madrugada chuvosa é parte do folclore da Legião. Um reação intempestiva de Marcelo Bonfá criou um impasse no estúdio e você chegou a abandonar a produção. O que te fez voltar atrás?**

Lembro apenas um pouco do que aconteceu no estacionamento quando Renato e mais alguém (não sei se Bonfá ou se Dado) foram para me fazer mudar de ideia. O relato mais completo do que se deu está no livro graças à lembrança que Fernanda Villa-Lobos – à época empresária da banda – ainda retém do episódio. Voltei no dia seguinte, com todos de cabeça fria, depois do compromisso de Renato de que dali para frente tudo seria diferente. E foi.

**Há registros de músicas ou arranjos descartados na época? Algo que ficou pelo caminho?**

Sim. O primeiro resultado palpável da gravação foi um tema instrumental eletrônico, tecnopop e dançante, composto e gravado por Renato sozinho. Considerei um sucesso potencial e cogitei lançá-la como o primeiro compacto da Legião. A banda ficou horrorizada com a ideia, engavetou a música e ela nunca foi concluída. Uma decisão acertadíssima, porque teria sido um erro apresentar a Legião ao mundo daquele jeito. No entanto, ela ressurgiu futuramente, abrindo o segundo disco da Legião, rearranjada com baixo, guitarra e bateria, agora com o nome de “Daniel Na Cova Dos Leões”.

**O disco saiu sem grande campanha. Em que momento você percebeu que poderia virar um marco na música brasileira?**

O disco demorou a pegar. A coisa só engrenou mesmo depois que as rádios começaram a tocar “Será”. Logo em seguida, chegou a vez de “Ainda É Cedo”. Ali eu percebi que o disco estava sendo bem aceito. Mas a verdadeira dimensão dele só ficou clara bem mais adiante, quando a Legião tornou-se aquilo que conhecemos hoje em dia. Veja a entrevista completa em <https://encr.pw/n1168>